A Lenda de uma Bofetada

Ao illustre e velho amigo Dr. João Franklin de Alencar Nogueira
(Para o seu archivo particular)

JULIO ABREU

Summamente judiciosas são as palavras do Conselheiro Pereira da Silva no exordio do capitulo *Lucrecia Borgia*, o primeiro de sua obra—*A Historia e a Legenda*, editada em 1892.

Nesse exordio disse o antigo representante da provincia do Rio de Janeiro no Senado do Imperio:

«A legenda, que é fructo particular da «imaginação e genero especial de poesia, «que o povo prefere por que mais lhe agra- «da, que o povo acredita por que não tem «tempo de estudar a historia, pode realçar «a verdade com accessorios de ficção, mas «não deve falsificar caracteres, inventar si- «tuações, e nem improvisar extravagancias «que transformam a verdade e alteram o «sentir exacto dos personagens e a apre- «ciação dos acontecimentos verificados.

. . . . . .

. . . . . .

«E' a historia um juizo severo e im-
«parcial, ataviada e inventiva é a legenda.»

Em ligeira e recente palestra com um amigo acudiram-nos á lembrança esses conceitos do Conselheiro Pereira da Silva.

Grande admirador de José de Alencar, esse amigo a quem nos referimos julga entretanto que o genial autor de *Iracema*—«foi um homem violento, qualidade que lhe era, aliás, uma herança paterna».

Inquirimol-o sobre os actos de violencia praticados pelo filho e pelo pae, e o nosso interlocutor allegou, quanto ao primeiro, «o seu rompimento, sem nenhuma razão, com o Imperador Dom Pedro Segundo», alludindo, quanto ao segundo, «a selvageria de uma bofetada com que aggredira um ministro». E só.

Não é de admirar que, nesta bella cidade que é a antiga capitania de Jorge de Figueiredo Correia, haja alguem que conheça, embora perfunctoriamente, a lenda dessa bofetada.

Não é tambem de admirar que, em seu interessante opusculo *Contribuindo*, publicado em São Paulo em 1921, o illustre Martim Francisco (o 3.º), no capitulo *Pedro de Alcantara*, tenha escripto as seguintes palavras:

«Araujo Vianna, seu antigo professor
«(de D. Pedro), depois de esbofeteado pelo
«padre Alencar nos corredores do Senado,
«não pôde mais ser ministro.»

Ora, o facto de que se originou a invenção dessa bofetada occorreu em Setembro de 1841. Entretanto Araujo Vianna continuou como Ministro do Imperio, do segundo Gabinete, até 20 de Janeiro de 1843, quando foi substituido por Silva Maia, que, com outros, formaram o terceiro Gabinete de Dom Pedro Segundo (1).

---

(1) Max Fleiuss—«Historia Administrativa do Brasil».

Por aí se está vendo que a tal bofetada não é um facto real, verdadeiro.

Se a dignidade de D. Pedro de Alcantara não permittia que um ministro que fora esbofeteado jamais voltasse a tão elevada investidura, passados mesmo muitos annos, quando o facto poderia estar olvidado, ou desapparecida a má impressão delle decorrente, *a fortiori* devemos suppor que essa mesma dignidade teria compellido esse ministro a demittir-se immediatamente, para moralidade e para honra do governo.

Entretanto o futuro Marquez de Sapucahy ainda continuou na gestão da pasta por mais de um anno.

O facto de não haver Araujo Vianna voltado a ser ministro não constitue prova de haver elle sido esbofeteado pelo Senador Alencar.

Quantos e quantos ministros só exerceram esse cargo uma unica vez!

Em outra obra de reconhecido valor, o Conselheiro Pereira da Silva--*uma dessas creaturas minadas pelo virus da minucia* (2)—narra um episodio sem nenhuma gravidade, occorrido entre o Padre Peixoto de Alencar (primo do Senador Alencar) e o Ministro da Fazenda do sexto Gabinete (o de 2 de Maio de 1846), Hollanda Cavalcante (posteriormente Visconde de Albuquerque). São as seguintes as palavras do abalizado historiador, que, em nota, diz serem textuaes:

> «Admittidos no recinto da representa-
> «ção nacional (o Ministerio) asseverou San-
> «tos Barretto que o Gabinete adoptava as
> «bases principaes do projecto, divergia, po-
> «rém, em pontos secundarios.
>
> «Soaram brados da opposição ao ouvi-
> «rem-se as palavras do Ministro da Guerra,
> «e requereu-se de novo o adiamento do
> «projecto. Aproveitou-se o Padre Peixoto
> «de Alencar para perguntar que garantias
> «offerecia Hollanda Cavalcanti para ter em
> «suas mãos as chaves do thesouro.

---

(2) Viriato Correia—«Gaveta de Sapateiro», 1932 (prologo).

«Protestos, reclamações e estrepitosas «vozerias cobriram a voz do orador cea- «rense, e tornou-se tão tempestuosa a ses- «são que o presidente suspendeu-a.» (3)

Ao passo que Pereira da Silva se occupa de um incidente que não tem a gravidade de uma bofetada, commentando, nessa mesma obra, a exacerbação de animos consequente á queda do primeiro Ministerio da Maioridade, exacerbação que ocasionou o attrito entre Araujo Vianna e Alencar, não fez a menor allusão a esse incidente, que nada teve de vultoso, servindo apenas para uma indigna e sordida exploração.

Essa falta de referencia do provecto historiador a um facto de tamanha gravidade, que motivou o «Mestre de Pedro Segundo não voltar mais nunca aos Conselhos da Corôa», na opinião de Martim Francisco, é bem uma prova de que tal facto não existiu e não foi mais que uma invenção da paixão politica para deprimir um homem digno como foi Araujo Vianna: do contrario, Pereira da Silva tel-o-ia relatado, embora calando os nomes de seus protagonistas.

Não é de admirar ainda que João Brigido, o grande sabedor das chronicas e da historia do Ceará, refutando um trabalho da penna brilhante e fecunda de um cearense tão digno quão illustre, qual foi o Desembargador Paulino Nogueira, de imperecivel e mui honrada memoria, tenha escripto o seguinte:

«Um facto, por este tempo, veio dar «mais liberdade, se é possivel, a Coelho e «seus adeptos, para exterminarem, na pro- «vincia, o resto dos amigos de Alencar.

«O supremo chefe liberal, no dia 11 de «Setembro, em pleno Senado, esbofeteara o «Ministro do Imperio e Chefe do Gabinete, «Candido José de Araujo Vianna.» (4)

---

(3) Cons. J. M. Pereira da Silva—«Memorias do Meu Tempo» 1895; tomo primeiro, pags 142—143

(4) João Brigido—«Historia Patria, Biographia de Antonio Rodrigues Pereiro pelo Dr. P. Nogueira (Refutação)», Setembro de 1887.

Admittimos e mesmo suppomos que o velho chronista tenha escripto isso de boa fé, firmado em algum relato que porventura lhe tenha sido feito pelo Conselheiro José Bento, de quem era intimo amigo e a quem servira de secretario quando elle exerceu a presidencia do Pará, em 1869.

Aí mesmo João Brigido deu uma cincada, dizendo que Araujo Vianna era o «Chefe do Gabinete».

A esse tempo os Gabinetes não tinham chefes: os ministros eram escolhidos e nomeados pelo Imperador e nenhum tinha preponderancia sobre os outros. Essa chefatura de gabinete, com o titulo de Presidencia do Conselho de Ministros, só foi criada pelo Decreto de 20 de Julho de 1847, sendo o primeiro Presidente do Conselho—Manuel Alves Branco (2.º Visconde de Caravellas), Ministro da Fazenda do setimo Gabinete, que principiou a funccionar em 22 de Maio do mesmo anno (5).

Só daí por deante foi que ficou estabelecida a praxe de convidar o Imperador um estadista para organizar o Ministerio, e esse estadista, que tomava a pasta que lhe aprouvesse e ficava sendo o Presidente do Conselho (Chefe do Gabinete), indicava ou apresentava ao Soberano os nomes dos que deveriam ser nomeados para as demais pastas.

Voltemos ao Cons. José Bento, que, pensamos, foi o inspirador de João Brigido na repetição da lenda da bofetada.

José Bento, posteriormente Visconde de Bom-Conselho, Senador do Imperio pela provincia de Pernambuco, de onde era filho, se não foi o criador da lenda vilissima, foi, pelo menos, *pars magna* na divulgação della, escrevendo o bilhete que o egregio e douto Thomaz Pompeu (o 2.º) transcreveu em um seu artigo de collaboração para o *Almanach do Ceará*, edição commemorativa do centenario da independencia nacional, ao qual nos referiremos adeante.

José Bento, além de ser suspeito, por ter, de modo tão leviano e imprudente, posto em circulação a phantasia da bofetada, escrevendo esse bilhete in-

---

(5) Max Fleiuss—Ibidem.

conveniente, que homem nenhum, sufficientemente esclarecido e atilado, escreveria, era, sabidamente, um espirito rasteiro, muito terra a terra, verdadeiro *pax vobis*.

Delle, do velho Senador por Pernambuco, nos conta o Padre João Manuel episodios interessantissimos, qual a qual mais convincente da escassa mentalidade do velho Visconde de Bom-Conselho. Dentre esses episodios destacamos os seguintes, que são de excellente sabor:

«Estava elle na presidencia da provin-
«cia de Minas Geraes quando se deu a mu-
«dança de Ministerio.

«Em logar, porém, de seguir as prati-
«cas estabelecidas, enviando ao novo gover-
«no seu pedido de exoneração, o Conselhei-
«ro José Bento deixou-se ficar tranquillo
«no exercicio do cargo de confiança, sem
«procurar saber se a merecia ou não em
«face da nova ordem de cousas.

«O governo, sem duvida, esperou que o
«presidente de Minas, como fizeram os das
«outras provincias, solicitasse sua demissão,
«facilitando assim os planos e intuitos da
«nova administração do paiz.

«Comprehendendo então que o Conse-
«lheiro *amoitado* não pretendia mover-se, o
«Gabinete presidido pelo Marquez de Olin-
«da, se não nos mente a memoria, resolveu
«despertal-o, enviando-lhe successor, tendo
«a *delicadeza* de conceder-lhe a exoneração
«com a clausula—*a pedido*.

«O Conselheiro José Bento, porém, que
«nada tinha pedido, sentiu-se ferido no seu
«melindre, protestando energicamente con-
«tra o *acto arbitrario* do governo, que sem
«causa conhecida ousava demittil-o de um
«*emprego publico*, que exercia a contento de
«todos.

«Ora, um professor de faculdade de
«direito, que considerava *emprego publico*, na
«accepção commum da palavra, o cargo de

«presidente de provincia, de que não podia «ser exonerado por um governo que não o «tinha nomeado, sem motivo provado, sem «causa justificada, devia-se-nos afigurar pelo «menos como uma excentricidade.

. . . . . .

. . . . . .

«Sem ter jamais sido Ministro, apesar «de seus desejos, foi aproveitado para a «pasta do Imperio, no Gabinete organizado «a 25 de Junho de 1885 pelo inclito Duque «de Caxias, que succedeu ao de 7 de Março «de 1871, sob a presideneia do immortal Vis-«conde do Rio Branco.

«Verdadeiro posto de sacrificio foi re-«servado ao Conselheiro José Bento, que «passou pelas mais crueis torturas, occu-«pando o cargo de Ministro, que sempre foi «um de seus sonhos dourados.

«No antigo regimen não houve Ministro «tão estrondosamente ridicularizado.

«O Dr. Duque Estrada Teixeira, repre-«sentante da *flor da gente* do municipio neu-«tro, declarando-se em opposição ao Minis-«tro do Imperio do Gabinete Caxias, flagel-«lou-o no carnaval de 1877, preparando-lhe «uma troça horrivel, apparecendo diversos «mascaras perfeitamente caracterizados, fi-«gurando um o Ministro carregando a pasta, «e outros apresentando ao publico esta le-«genda ridiculamente esmagadora: *larga a «pasta, Zé Bento!*

«Não se conheceu ridiculo mais formi-«davel lançado sobre um Ministro de Estado.

«O velho não podia resistir á vaia car-«navalesca, que provocava tanta hilaridade «a uma população avida de escandalos, que «sem espirito de partido se deleitava com «as desgraças do proximo.

«Ainda assim o Conselheiro conserva-«va-se agarrado á pasta que nem a pau «queria abandonar.

«Os collegas deram-lhe por vezes a «entender a conveniencia de sua retirada

«do Gabinete, mas o Conselheiro José Bento «fazia ouvidos de mercador, caprichando em «não deixar o posto.

«Viram-se, entretanto, forçados a ac«centuar a crise, que não fora acceita ape«sar dos termos claros e precisos, em que «foi estabelecida, declarando categorica«mente que não *largava a pasta!*

«Obstinado em manter-se nessa posi«ção impolitica e insustentavel, o Conse«lheiro José Bento, suppondo-se seguro pelo «apoio que acreditava merecer da Princesa «Regente, quando menos esperava foi sur«prehendido com a demissão do cargo de «Ministro do Imperio, sem a clausula—*a pe«dido*, que tanto o tinha escandalizado quan«do foi exonerado de presidente da provincia «de Minas Geraes!

«Cahiu assim o bom velho, ingloria e «tristemente!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

«Interpellado uma vez sobre a questão «religiosa, procurando-se saber qual o meio «que tinha o governo para resolvel-a, res«pondeu que só com o auxilio da *Providencia «Divina* poder-se-ia conseguir a solução de «tão importante questão, que profundamente «agitava o paiz.» (6)

Deante das difficuldades que, como presidente do Pará, o Conselheiro José Bento oppunha ao gigantesco e patriotico projecto do General Couto de Magalhães, de converter em realidade a navegação do rio Araguaya, o illustre auctor de *O Selvagem* teve a seguinte expressão, que bem mostra quanto era elle *entêté*:

«E' muito bom homem esse velho José

---

(6) Padre João Manuel-«Reminiscencias» (Sobre vultos e factos do Imperio e da Republica), 1894, Amparo, S. Paulo.

«Bento; mas, quando se acúa, é mesmo um «queixada: só a chumbo.» (7)

Em tudo isso que fica exposto nada ha a admirar.

O que causa estranheza é que o Dr. Thomaz Pompeu—uma das mais vigorosas intelligencias e um dos espiritos mais cultos que o Ceará tem tido—, que não poderia desconhecer o substancioso trabalho do Desembargador Paulino Nogueira (8), no qual ficou cabalmente destruida a lenda miseravel inventada pelo rancor politico, tenha, posteriormente, escripto o seguinte:

«No Senado, o Ministro do Imperio, «Candido José de Araujo Vianna (Marquez de «Sapucahy), mestre do Imperador, sem at-«tender á superexcitação dos animos, im-«prudentemente mandara, pelo Senador «Paula Sousa, um recado insultante ao Se-«nador Alencar, accusando-o de conspirar «contra o governo, que, sciente do occor-«rido, o esmagaria politicamente.

«Alencar, avisado disso, conversava «com o Marquez de Paranaguá (Villela Bar-«bosa), a quem dava satisfações, quando «surge o Ministro do Imperio, que, ao ges-«ticular para Alencar, lhe exproba o proce-«der, qualificando-o de indigno de ter as-«sento no Senado.

«Alencar, luctador experimentado e «pundonoroso, não demora a resposta ao in-«sulto; adeanta-se para Araujo Vianna, e dá-«lhe tão tremenda bofetada, que o deita por «terra com os oculos quebrados e o rosto «inchado.

«O escandalo foi enorme, sem prece-«dente nos annaes parlamentares, e delle «procuraram tirar proveito os politicos.

---

(7) Carta de João Brigido ao Conde de Affonso Celso, na revista «Album Imperial», de S. Paulo, n. 5, de 5 de Março de 1907.

(8) Des. Paulino Nogueira—«Presidentes do Cesrá»—11.º Presidente—Senador José Martiniano de Alencar, na Revista do Instituto do Ceará, 1.º e 2.º trimestres de 1905, pags. 204 a 205.

«O Senador José Bento (9) escrevia «logo depois a um deputado mineiro o se- «guinte:—«F.... Hoje o nosso amigo Padre «Alencar deu uma bofetada no Ministro do «Imperio. Seria conveniente que appareces- «ses á noite em casa do nosso dito amigo, «afim de vermos o partido que a causa pu- «blica pode tirar deste acontecimento.» (10)

Em uma nota, accrescentou o Dr. Thomaz Pompeu:

«Diz o chronista, de quem hauro estas «informações, que, tres annos depois (1844), «Araujo Vianna, a victima de Alencar, o «procurava para que lhe afiançasse uma «letra, que nunca mais pagou, tornando-se «intimo de Alencar. Cobrou a multa da in- «juria á ingleza, em dinheiro sonante.» (11)

Araujo Vianna não foi somente um homem *de caracter brando, incapaz de provocar tamanha affronta*, como disse o Desembargador Paulino Nogueira. Foi tambem um varão de excelsas virtudes, um homem de brio, que não esqueceria jamais a affronta de uma bofetada, se tal affronta tivesse havido.

A importante revista *Album Imperial*, que atrás citámos em nota, dedicou á memoria do Marquez de Sapucahy o seu numero correspondente ao mez de Setembro de 1906, no qual a penna habil do Dr. Cruz Abreu, traçando-lhe o perfil, deixou bem evidentes as elevadas qualidades moraes que exornavam a individualidade de Araujo Vianna.

Se, realmente, o Senador Alencar afiançou uma letra de Araujo Vianna, esse facto é antes uma prova

---

(9) José Bento só foi Senador em 1869. "Vide" «Reminiscencias» do Visconde de Taunay.

(10) Thomaz Pompeu, «Almanach do Ceará», de 1922, artigo sob a epigraphe—«Um episodio deploravel de nossa historia».

(11) Dr. Thomaz Pompeu—Ibidem.

da inexistencia da bofetada e, ao mesmo tempo, um attestado da honradez e da probidade do antigo Mestre de Pedro Segundo, que, desfructando elevada posição politica, necessitava de um favor de tal natureza.

E' que o incidente occorrido três annos antes não passou de uma altercação, que, embora vehemente e calorosa, não foi de modo a fazer um rompimento entre os dois contendores, tão digno um quanto outro, servindo apenas de pretexto *aos politicos que delle procuraram tirar proveito*, como affirmou o Dr. Thomaz Pompeu, e como se infere do bilhete de José Bento ao deputado mineiro.

Além disso, as palavras de Araujo Vianna, dirigidas ao Senador Alencar, não foram insultuosas de tal modo, que a resposta unica devesse ser uma bofetada.

Alencar não poderia offender-se tanto por chamal-o alguem de conspirador, pois que conspirador fora elle em 1817, na Revolução Pernambucana; conspirador, tambem, em 1824, na Republica do Equador; conspirador, ainda, no movimento de 1831, que teve como consequencia a abdicação de Pedro Primeiro; conspirador, mais uma vez, e de grande destaque, na revolução de 1840, que obteve a maioridade de Pedro Segundo. E de todas essas conspirações em que entrou, impellido pelo seu reconhecido patriotismo, não tinha elle motivos para se envergonhar ou para arrepender-se.

Porque, pois, haveria de julgar-se injuriado por accusal-o o Ministro do Imperio de conspirar contra o governo?

Pois não tinha elle, como cearense que era, fortes razões para fazer tenaz opposição, mesmo para conspirar contra um governo que mandara para o Ceará como seu delegado José Joaquim Coelho (Barão da Victoria), que ali estabelecera a politica do terror iniciada pelos conservadores em 1841?

Alencar, homem de larga visão, como que estava prevendo o que dentro de breves dias succederia em sua provincia. Referimo-nos aos hediondos assassinatos dos dois chefes liberaes Major Facundo (8 de Dezembro de 1841), em Fortaleza, e Tte.-Cel. José Simões Branquinho (5 de Fevereiro de 1842), em Cas-

cavel, crimes que tornaram imperecivelmente maldita a memoria do famigerado Coelho, que parecia querer disputar ao abominavel Conrado Jacob de Niemeyer, o feroz presidente da *Commissão Militar* de 1824, toda a execração que ainda lhe pesa sobre o nome.

Se se tratasse hoje de um processo tendente á apuração da verdade historica, aliás fartamente já demonstrada pelo inolvidavel Desembargador Paulino Nogueira, bem poderiamos depor como testemunha informante, por isso que, certa vez, em Quixadá—a formosa cidade que tanto estremeço—o Coronel Luiz de Lavor Paes Barreto, que ali residiu por muitos annos, em uma de nossas palestras quasi que diarias, em uma dessas palestras que versava sobre a familia Alencar (D. Barbara, Senador Alencar, Tristão Gonçalves e d. Anna Triste), alludindo nós á bofetada de Alencar em Araujo Vianna, da qual tinha então recente conhecimento pela refutação de João Brigido á biographia de Ferreira Boticario, do Desembargador Paulino Nogueira, o Coronel Lavor nos garantiu que essa bofetada fora apenas uma exploração politica, segundo lhe affirmara o Dr. Joaquim Bento (genro de Alencar), em um dia em que elle Lavor, regressando, por terra, de Fortaleza ao Aracaty, onde residia então, pernoitara em casa do Dr. Joaquim Bento, seu amigo e correligionario, em seu sitio da Mecejana, onde muito conversaram sobre varios acontecimentos politicos em que se achou envolvido o Senador Alencar.

Ora, que necessidade tinha o Dr. Joaquim Bento de, tantos annos passados, negar tivesse havido essa bofetada, como a negaram tambem outros membros da familia, como José de Alencar e o Conselheiro Tristão ?

Mas é isso. A lenda, por mais insubsistente que seja, é sempre a lenda, uma especie de phenix mythologica, a renascer das proprias cinzas, ou, pior que isso, uma especie de hydra da fabula, de multiplas cabeças, que, á proporção que eram cortadas, reappareciam maravilhosamente e continuavam na sua faina diabolica de inoculadora de veneno letal.

Debalde procurou o Desembargador Paulino Nogueira fazer o papel de Hercules... Quem seria capaz

de pensar que, dezesete annos após, um vulto conspicuo como Thomaz Pompeu reeditasse a lenda de uma bofetada em um livro de larga circulação e com o accrescimo de uma nota narrativa de uma circunstancia ignorada, como um vilipendio a ligar-se á injuria ? !

Simplesmente horrivel !

Que se nos releve o arrojo de escrever esta coisa tão chilra quão fastidiosa. Para nos desculpar apenas lembramos as palavras de Victor Hugo : — *Mais il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et de la dire.*

Ilhéus, 26 de Fevereiro de 1933.